

PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO DO TEXTO ORAL

ABSTRACT: This article concerns the analysis of some textual reformulation strategies used by participants in an interview with a “rezador”. In this analysis, the procedures of reformulation employed by speakers are emphasized and exemplified based on some theoretical assumptions from Conversational Analysis, an approach which gives priority to real data collected in their natural context of occurrence.

KEY-WORDS: Conversational analysis; paraphrase; correction.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é abordar, a partir da análise de uma entrevista com um rezador popular, algumas estratégias de reformulação textual utilizadas pelos participantes.

O encontro teve o objetivo de promover rituais de cura, através de rezas populares tradicionais. Após o evento, procedeu-se a entrevista, com o intuito de obter algumas informações acerca das rezas. Encontram-se presentes à gravação, além da documentadora, que sugeriu o tema da conversa, e dos interlocutores, mais duas pessoas que, embora não se manifestem, fazem parte da cena da conversação, o que é comprovado em determinados momentos da entrevista.

O segmento transcrito, com duração de 38 minutos, aproxima-se de uma conversação espontânea, apesar de o objetivo do encontro ter sido sugerido previamente e de ter sido autorizada a gravação. Os interlocutores estão em relação de *diálogo*. Alternam-se nos papéis de falante e de ouvinte uma mulher (Locutor 1) de cinquenta e três anos, empresária, com segundo grau, natural da Paraíba e residente no Ceará, e um homem (Locutor 2) de oitenta e dois anos, vigia aposentado, rezador popular, primeiro grau incompleto, natural de Pernambuco, residente na Paraíba.

Os dados relacionados aos interlocutores (idade, sexo, profissão etc.) mostram que há um desequilíbrio de papéis. No entanto, essa relação assimétrica (MARCUSCHI, 1986, p.16) explica-se mais pelo caráter da

* Universidade Federal da Paraíba.

entrevista do que pelas diferenças de condições sócio-econômicas e culturais. O tema da conversa, a reza popular, é bastante familiar a L2; o entrevistado tem competência para falar sobre o assunto, uma vez que é rezador profissional bem conceituado na comunidade em que se encontra.

A perspectiva adotada é a Análise da Conversação, abordagem que prioriza os dados reais em seu contexto natural de ocorrência.

Alguns conceitos teóricos acerca dos procedimentos de reformulação serão destacados e exemplificados, embora não seja de maneira exaustiva, nem do ponto de vista teórico, nem na análise dos elementos.

2 A formulação do texto

Neste estudo, a linguagem é entendida como uma atividade não apenas verbal, mas também sociocognitiva, em que os interlocutores constroem cooperativamente um texto, utilizando, além de sua competência lingüística, sua competência discursiva. Dessa forma, privilegia-se o estudo da linguagem em situações concretas de interação.

Entende-se que os participantes desempenham papéis, de acordo com regras situacionais e institucionais por eles interiorizadas, buscando adequar seu comportamento às regras da sociedade em que se inserem, para que possam compreender e serem compreendidos. Para tanto, é necessário que eles sejam capazes de fazer escolhas lingüísticas e discursivas apropriadas e, assim, produzirem textos orais, de forma que se possa reconhecer a ação desempenhada pelo enunciado do interlocutor e responder de modo apropriado e coerente. Numa conversação, apenas a competência gramatical não basta: o participante precisa saber o que se espera dele e construir seu enunciado de forma que o interlocutor possa reconhecer sua intenção comunicativa. Ou, no dizer de Hilgert (1993, p.108):

Construir lingüisticamente o enunciado ou, no sentido mais amplo, o texto, significa dar *forma* e organização lingüística a um conteúdo, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que, na construção lingüística do enunciado, desenvolvem-se *atividades de formulação*.

Fávero *et al.* (1999, p. 55), citando Antos, lembram que formular um texto significa deixar marcas, traços no texto que possibilitem a sua compreensão. Na formulação de um texto oral, diferentemente do que ocorre com o texto escrito, as marcas de seu processo de organização são perfeitamente visíveis. Enquanto na escrita a elaboração e a produção discursivas podem ser

dissociadas, na fala, elaboração e produção ocorrem explicitamente, simultaneamente, porque aparecem no próprio momento da interação ou, como diz Marcuschi (1986, p. 28), “no tempo real”. Disso resulta que incidentes de produção, pistas da elaboração textual como repetições, paráfrases e correções surgem na conversação.

Um texto falado apresenta-se cheio de discontinuidades. Schegloff, Jefferson e Sacks (apud HIGERT, 1993, p.108), lembram que, tanto na ocorrência de erros e falhas quanto na busca de termos ou palavras adequadas é possível identificar problemas. O próprio falante, ou seu interlocutor, ao detectar algum tipo de problema no seu enunciado, é levado a reformulá-lo, a fim de garantir a compreensão.

Utilizando uma terminologia sugerida por Koch e Oesterreicher, Hilgert (1993: p.108) distingue os problemas *prospectivos*, os que são detectados pelos falantes antes mesmo de os formular, e *retrospectivos*, os que só são percebidos quando já estão lingüisticamente inseridos na formulação do texto.

Os seguintes segmentos mostram alguns exemplos de problemas prospectivos e retrospectivos:

(1)

L1 [*é porque ela deve ta carregada, né?*
 L2 [*eu já rezei uma aqui que caiu uma vez o marido dela tava acolá eu chamei ele disse ...ai eu disse a ele...aí e e ele disse... quando ela ficou boa suou demais levantou e disse... e e e o senhor não vai rezar mais não? eu disse rezo mas ela vai de novo... não cai não ... então tá certo/ oxente... cheguei no meio da oração (...)*

Esse trecho inicia-se com uma sobreposição de vozes. L1 interrompe seu turno e L2 começa sua narrativa. O fluxo é interrompido no momento em que L2 sente dificuldade em encontrar a seqüência correta dos acontecimentos: hesita, escolhendo entre “ele disse” ou “eu disse”, hesita novamente, corrige-se, segue a formulação com dificuldade, gaguejando, até finalizar a narrativa e passar a explicar como evita que as pessoas caiam durante a reza. Esta seqüência apresenta-se com discontinuidades que denunciam problemas de formulação detectados pelo próprio falante antes de formular.

(2)

L2 *eu vou lhe contar uma... eu rezo mordida de casca... mordida de jararaca...faz muito*

Nesse caso, o locutor percebe o erro antes de completar seu enunciado. Interrompe a formulação e a refaz usando o termo que corresponde ao que pretendia.

Outros problemas são detectados pelo falante ou pelo interlocutor depois de o enunciado formulado. Nesses casos, ocorrem as atividades de reformulação, como nos fragmentos seguintes:

(3)

L2 (...) *ái diz que tenho que limitar...rezar uma quantidade...*

Em (3), o verbo *limitar* parece ser sentido pelo falante não suficientemente explícito, o que poderia acarretar problemas de compreensão. Então interrompe o enunciado, e retoma-o em forma de **paráfrase**, “rezar uma quantidade”, buscando maior explicitação.

(4)

L1 [*é mas qual é a a a proteção que o senhor... acha que tem que...se protege... como é que o senhor se protege?*]

Nesse fragmento, L1, com o intuito de ser bem entendida pelo interlocutor, reformula seu enunciado original, buscando uma forma adequada para expressar seu pensamento.

3 Atividades de reformulação

Koch (1997, p. 68) apresenta dois tipos de reformulação: a retórica e a saneadora. A retórica manifesta-se através de repetições e parafraseamentos e tem como função principal reforçar a argumentação e ainda facilitar a compreensão por meio da desaceleração do ritmo da fala. A saneadora realiza-se por meio de correções ou reparos e de repetições ou paráfrases saneadoras. As correções nascem da tentativa de o locutor solucionar, após a materialização de um segmento, dificuldades detectadas por ele mesmo ou pelo parceiro.

3.1 A paráfrase

A paráfrase é, segundo Hilgert (1993, p. 114),

dentro do processo de construção do texto, uma atividade lingüística de

reformulação, por meio da qual se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual.

Caracteriza-a o tipo de relação que ela mantém com o seu enunciado de origem: uma relação de *equivalência* semântica, isto é, a paráfrase retoma total ou parcialmente o conteúdo de um *texto-fonte*, num *texto-derivado*.

Muitas vezes, o texto original é ampliado quando o locutor pretende generalizar o enunciado de origem. Em outros casos, a paráfrase serve para resumir, limitar os traços semânticos do texto original.

Entre as diversas funções da paráfrase, segundo Fávero et al (1999 :60), estão principalmente “garantir a intercompreensão” e “contribuir para a coesão do texto, enquanto articuladora de informações novas e antigas”.

São exemplos de paráfrases encontrados no corpus pesquisados:

(5)

L1 [*o senhor tem uma proteção muito grande, né?*

L2 *é mas se eu não num coidar ...se eu não tiver cuidado... aí cai*

(6)

L1 [*é mas qual é a a a proteção que o senhor... acha que tem que...se protege/ como é que o senhor se protege?*

L2 *eu acho que a minha proteção que eu tenho é porque eu confio muito em Deus*

(7)

L2 *(...) pequeno assim... dor de ventrusidade... dor reumática...essas rezas tudo pequininim berruga assim sinal hérnia eu peguei a/faz pouco tempo,...comecei agora há pouco... mas essas coisinhas eu rezava pouquinho mas adessois desses problema que eu recebi (...)*

No caso seguinte, o locutor refaz seu enunciado em outro turno, enfatizando a importância das rezas em sua vida: substitui “não durmo não” por “não durmo de jeito nenhum” .

(8)

L2 *sabe por quê? porque se eu não rezar eu eu tenho eu tenho duas oração que se eu não rezar de noite eu também não durmo não*

Doc e é?

L1 hum

L2 durmo de jeito nenhum/ e então eu tenho uma proteção de uma mulherzinha que se apresenta eu todo dia...(incompreensível) às vezes ela vem nesse portão aí... a (...)

3.2 A correção

Outro procedimento de reformulação, característico da conversação, é a *correção*, um “procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus “erros” (BARROS, 1993:136).

Barros (1993: 139) cita um dos mais conhecidos trabalhos acerca das correções, o de E. Schegloff, G. Jefferson e H. Sacks – S/J/S – que tem como critério o modelo elementar da conversação em sistema de turnos de fala. Neste modelo, distinguem-se dois tipos de correção, a *reparação e a correção propriamente dita*.

3.2.1 A reparação

Por *reparação* entende-se a correção de uma infração conversacional: os interlocutores cometem erros no sistema de tomada de turnos, desobedecem às regras e essas falhas são reparadas.

Na conversação, a regra geral básica estabelece que deve haver pelo menos uma troca de falante. Quando um dos participantes não cede a palavra aos demais e fala o tempo todo ele viola essa regra e pode sofrer reparações, ou ele mesmo corrigir-se.

(9)

L1 só se o senhor...é ... eu vou ficar curada...

L2 a senhora ...sabe... ãn sabe onde

L1 eu vou ficar curada... e o senhor curou uma pessoa de Fortaleza

L2 [sabe onde é Rondônia?

L1 sei

L2 que divide com o estrangeiro?

L1 sim

L2 já rezei gente daqui lá...

L1 é

L2 eu tem rezado gente de São Paulo, de Rio, de Natal de todo canto

L1 pois é o senhor rezou agora uma de Fortaleza sabia?

Na conversação em apreço, há inúmeras sobreposições de vozes, desobedecendo à regra de *falar um de cada vez*. Essas violações no *corpus* analisado são reparadas apenas implicitamente, em forma de tomada ou devolução de turno, de sobreposição de voz ou de formulação de novas perguntas. Este fato explica-se pelo caráter da conversação – uma entrevista, e de L2 ter a preferência, em virtude de ser entrevistado, como é ilustrado no segmento acima.

Há de se considerar que as regras e técnicas variam de acordo com o modelo cultural e com o tipo de conversação, uma vez que o estudo da reparação está diretamente relacionado ao da organização da conversação que, por sua vez, diferencia-se nas diversas culturas, embora existam também normas universais.

3.2.2 A correção propriamente dita

São chamadas *correções propriamente ditas*, ou simplesmente *correções*, aquelas que não se relacionam com as violações às regras conversacionais.

(10)

L2 *só só porque eu tem medo dela demais...e nojo... num é tanto medo como é nojo de cobra... uma cobra pode tá morta e eu não boto minha mão em cima por caridade não...e às vezes diz que quem reza mordida não pode matar a cobra né?*

Nesse segmento, L2 corrige-se, substituindo a palavra medo por nojo, que não considera adequada para expressar seu sentimento diante das cobras. Observe-se que ele continua a formulação enfatizando a correção.

Marcuschi (1986, p. 29) apresenta a seguinte tipologia geral para o mecanismo de correção estabelecida por Schegloff, Jefferson e Sacks:

- (a) *autocorreção auto-iniciada*: é a correção feita pelo próprio falante logo após a falha;
- (b) *autocorreção iniciada pelo outro*: é a correção feita pelo falante, mas estimulada pelo seu parceiro ou por outro;
- (c) *correção pelo outro e auto-iniciada*: o falante inicia a correção, mas quem a faz é o parceiro;
- (d) *correção pelo outro e iniciada pelo outro*: o falante comete a falha e quem corrige é o parceiro.

Segundo diversos autores, entre eles Sacks, Jefferson e Schegloff (1977), Marcuschi (1986), a preferência na conversação decai na autocorreção auto-iniciada. O falante, ao autocorrigir-se, procura evitar as conseqüências do seu erro. No *corpus* analisado a freqüência maior foi desse tipo de correção. Essa predominância se justifica também pelo fato de L2 manter o turno por mais tempo, principalmente porque responde as perguntas do interlocutor. Vejam-se os trechos seguintes:

(12)

L1 *[é é é por isso que eu perguntei... se o senhor reza[va ... num é?*
 L2 *[ataca minha vista tem vez que ataca de eu ficar cego/ficar quase cego/ (muitas vezes)*

(13)

L2 *[quatro oração que eu tinha ...menina tinha sido há dez anos aí eu disse assim com aquelas oração que a menina ensinou você pode rezar qualquer problema na sua vida aí de lá pra cá eu fiquei rezando/ num fiquei rezando ninguém não/ fiquei guardando assim no pensamento/ com mais um bocado de ano mas eu sempre me lembrava/ mas (...)*

(14)

L2 *eu rezo qualquer PROblema na vida ... porque ele ...quando me ensinou isso... quando ela me ensinou ... a pessoa que me ensino...i/isso foi um rapaz que me ensinou/ ele fazia dez anos que tinha morrido... ele disse assim... com essas oração... que você sabe/eu só sabia de quatro oração...aí então... rezando pra curar engasgo que é fácil demais... tomar sangue de palavra é bem pouquinho...esses aí eu sabia... dor de (...)*

Ainda segundo os autores, em segundo e terceiro lugares estão respectivamente a autocorreção iniciada pelo outro e a correção feita e iniciada pelo outro. No *corpus* examinado foram encontrados casos em que o interlocutor, não entendendo o que foi dito, demonstra sua dificuldade através de repetições ou da expressão “o quê?”, com nos casos seguintes:

(15)

L2 *(...) da serra ...aí assim coitado só faltava morrer... veio aqui ...aí eu... mandei ele ...arrumar o remédio... ele arrumou... fiz ficou BONzinho...e eu sofro de gastrite e não tem coragem de tomar... porque é FEdorento demais... banha de cágado*

L1 é o quê?

L2 daquele cágado preto

L2 BAnha de cágado preto ... da d'água... ela disse você pegue...
arranje a banha de (...)

(16)

L1 sei... o senhor reza quantas vezes (incompreensível) quantas
vezes o senhor reza assim por dia?

L2 quantas pessoas?

L1 sim

L2 ... eu num conto não mas às vezes cheguei a rezar aqui
cinqüenta e seis pessoas...

(17)

L2 áí você sabe... agora você não sabe dizer foi fulano poi.. ã um
am

L1 no no meu caso o senhor não rezou mau olhado não...né? o
senhor rezou...

L2 em você?

L1 sim...

L2 eu rezei o corpo geral... porque eu rezo assim rezo geral...

L1 fechou, né?... fechou geral

L2 ()

Na conversação em exame não aparecem heterocorreções, características de conversações muito polêmicas, o que não é esse caso.

As correções podem ocorrer no mesmo turno ou em turnos diferentes. Marcuschi (1986, p. 32), citando Streek, explica a urgência da correção no mesmo turno por uma *motivação estrutural ou pressão estrutural*. Segundo ele, o falante prefere truncar sua fala a perder a oportunidade de reparar um erro, por temer passar a chance de reparar um erro.

(18)

L2 (...) não pode nem pisar? tem um cara aqui com... dois...o pai e
o filho... cada um tinha oito...em cada um pé quatro... áí eu
rezei... rezei ele ...rezei assim três sextas-feiras seguida...eu
..(....)

(19)

L1 de repente sentiu isso

L2 *foi eu tomei... não tomei e andei ...assim como daqui ali naquela esquina... tinha um passador.. quando eu subi que peguei aí recebi esse problema... dormente e fiquei dormente... três dias... com três dias voltei pelo mesmo caminho quando peguei no (...)*

(20)

L1 *aí o senhor chegou a a a ...*

L2 *...(...) com aquelas oração que a menina ensinou você pode rezar qualquer problema na sua vida aí de lá pra cá eu fiquei rezando/ num fiquei rezando ninguém não/ fiquei guardando assim no pensamento/ com mais um bocado de ano mas eu sempre me lembrava (...)*

Em alguns casos, a correção é parcial, confundindo-se com a paráfrase. No trecho seguinte, L1 faz a pergunta em um turno, mas L2 não ouviu, em virtude de estar falando. Repete a pergunta em outro turno, logo que tem a oportunidade, mas mesmo assim sua pergunta não é compreendida, provocando diversas reelaborações do enunciado, o que faz ver o caráter interativo e colaborativo da correção.

(21)

L1 *[o senhor tem visão?]*

L2 *[quando eu vou pros hospital eu rezo eles num quarto separado(...)]*

L1 *tá certo, tem que ser um quarto separado né?*

L2 *[lá é bom porque na minha casa não tem cômodo nem eu posso fazer*

L1 *é ...é... quando o senhor reza...*

L2 *nem interesse mais fazer*

L1 *quando o senhor reza o senhor tem visão não?*

L2 *ver o quê?*

L1 *visão... o senhor consegue ver a a a vibração da pessoa?...*

L2 *[às vezes tem tem muitas vezes eu vejo (incompreensível)]*

L1 *o senhor vê o espírito que acompanha a pessoa?*

4 Tipos de erros

Há vários tipos de erros e diversos mecanismos são usados para repará-los. Pessoa (1990, p. 23) distingue três blocos de erros, de acordo com o nível

de descrição lingüística reconhecido: os fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Não foram encontrados no corpus erros do tipo fonético-fonológico nem morfossintáticos. Predominam erros que podem ser vistos principalmente como impropriedades nas informações.

(22)

L2 *tô ... dentro do hospital um DOente dentro desse hospital eu não gosto de rezar no hospital que eu rezo em qualquer hospital tô eu fui entrevistado rezo em todos eles mas ... eu não gosto de rezar em hospital não porque quando eu vou rezar um doente aí eu rezo ao*

5 Marcadores e padrões lingüísticos de correção

Os principais marcadores da correção, segundo Barros e Melo (1990) são a pausa, prolongamento de vogais, repetição, truncamento ou interrupção, expressões verbais estereotipadas, mudança na curva entonacional, aceleração do ritmo. Acrescentam ainda marcadores paralingüísticos ou não-verbais como o olhar, os gestos, os movimentos da cabeça, entre outros. Todos esses procedimentos funcionam para marcar dúvidas ou dificuldades em relação à continuidade do enunciado, ao mesmo tempo em que garantem tempo para que o falante reformule seu discurso.

Eis, a seguir, alguns procedimentos lingüísticos empregados nas atividades de correção, apontados na literatura e encontrados no texto analisado:

(23)

L2 *foi ...eu me acordei com uma azia infe:liz...comi... um pedaço de uma galinha muito gorda ali... aí fui dormir mas quando acordei, mulher, foi morrendo... morrendo não, com aquela GASTura ...a a senhora já sofreu azia?*

L1 *[é fica ruim ter azia... é muito ruim]*

(24)

L2 *[mas quando eu rezava assim por lista digamos eu pegava sua lista né rezava hoje /que eu tenho MUITas ali/ um caderno assim ..um ãn eu acho que eu acho tenho bem vinte ... un ..não vinte ou trinta (...)*

6 Funções da correção

Uma das principais funções das correções é garantir a boa compreensão entre os participantes da conversação, através da reformulação de enunciados inadequados. Barros e Melo (1990, p. 30) apresentam as funções da correção organizadas em três grandes blocos:

- a) *funções cognitivo-informativas*: a correção tem o objeto de levar o ouvinte a bem compreender as informações objetivas do falante;
- b) *funções pragmáticas ou enunciativas*: a correção procura levar o ouvinte a compreender o falante, suas opiniões e sentimentos e seu papel social;
- c) *funções interacionais*: a correção tenciona fazer o ouvinte reconhecer as intenções do falante, no que toca às relações intersubjetivas e aos envolvimento emocionais.

7 Considerações finais

Neste estudo, objetivou-se mostrar alguns procedimentos de reformulação textual, a partir de uma entrevista feita com um rezador popular, voltando-se principalmente para uma aplicação da teoria sobre os procedimentos de reformulação, observados no *corpus* analisado, com destaque maior para paráfrases e correções.

Observou-se que o texto falado apresenta problemas de formulação que podem ser percebidos através de hesitações ou correções e paráfrases. As atividades de formulação, que acontecem em textos falados ou escritos, desempenham uma importante função na construção desses textos. Elas ocorrem de forma distinta nessas duas modalidades da língua: no texto escrito, as inadequações podem ser refeitas de maneira que o leitor só recebe a versão final do texto, enquanto no texto falado, elaboração e produção “coincidem no eixo temporal”, deixando marcas que permitem detectar os procedimentos usados pelo falante, a fim de conseguir atingir seu objetivo comunicacional.

A partir dessa análise, foi possível observar que esses mecanismos de reformulação desempenham uma importante função na construção do texto oral, no momento em que permite maior interação entre os participantes de uma conversação.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de, e MELO, Zilda Maria Zapparoli Castro. Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. Vol. IV. São Paulo, T.A. Queiroz / FAPESP, 1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. O processo interacional. IN: Preti, Dino (org.). **Análise de textos orais**. vol. 1, 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: Preti, Dino (org.). **Análise de textos orais**. vol. 1, 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

FÁVERO, Leonor L., ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira, AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 1999.

HILGERT, Urbano. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: Preti, Dino (org.). **Análise de textos orais**. vol. 1, 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

